



© Alex Herreiras

A DOBRADURA DO SAMURAI

Ilan Brenman

Resenha

Naquela aldeia japonesa, não havia criança que não invejasse a sorte de Mitio, filho de Massao Kazuo, o samurai mais famoso da região. Mal imaginavam, porém, que o que mais encantava o filho do célebre guerreiro não era a espantosa habilidade do pai com espadas, arcos, flechas e lanças, mas sim as belas e delicadas figuras de papel que surgiam de suas mãos quando seu pai praticava o *origami*. Como naquela época o papel era muito caro, as dobraduras eram proibidas para crianças. Mitio observou seu pai com atenção durante anos e anos antes de se tornar adulto e poder dedicar-se a essa arte milenar.

O jovem já era um artista célebre quando seu pai caiu doente, e nenhum sábio ou curandeiro parecia capaz de curá-lo. Lembrou-se então de uma antiga lenda segundo a qual aquele que fosse capaz de dobrar mil *tsurus* teria seus desejos realizados, e pensou que aquela talvez fosse sua única chance de salvar o pai – acontece que o velho samurai acabou falecendo quando os pássaros dobrados ainda eram apenas quinhentos.

O tempo, contudo, continuou passando, até que o próprio Mitio começou a envelhecer, mas ainda criava dobraduras para seus netos com espantosa perfeição. Momentos antes da sua morte, seu próprio corpo adquiriu a fragilidade do papel – e das dobras desmanchadas das suas articulações brotaram inúmeros *tsurus* esvoaçantes.

Em *A dobradura do samurai*, Ilan Brenman nos transporta para um Japão mítico, evocando o contraste entre a precisão das espadas afiadas e a delicadeza das dobraduras de papel. Acompanhando o fascínio do protagonista pelas figuras criadas pelo pai, que exercita a precisão das suas mãos guerreiras na arte do



Coordenação:
Maria José Nóbrega

origami e, acompanhando o personagem à medida que vai adquirindo maestria na técnica e usando sua arte para lutar contra a doença do pai, observamos a passagem do tempo e o contato entre gerações, passando por temas doloridos como morte e perda. Com sutileza, o autor aproxima o leitor da difícil experiência de despedir-se de alguém que se ama – e, mais tarde, da própria vida. A cena final, em que o neto desenrola a dobradura em que se transformou o corpo do avô, é de raro lirismo.



Depoimento

De Marcio Castro,
ator e historiador

Arthur, meu filho, chegou da escola esperando pelo livro: nosso combinado era ler outra vez juntos e, em seguida, fazer o *origami*. Na véspera, antes de dormir, ao encontrar o passo a passo para construir a dobradura dos *tsurus*, o objetivo de se reencontrar com a obra tornou-se uma bonita expectativa. Enquanto as folhas verdes eram vincadas e dobradas (Arthur adora verde!), nós conversamos sobre a história que tínhamos lido juntos. A partilha da experiência de leitura se deu numa atividade conjunta, feliz, entre pai e filho, entre uma dobradura e outra. Nessa conversa, ele relatou sua admiração pelas figuras mais velhas, tanto a do samurai Masao como a do Mitio vovô. Diferenciou as duas mortes: aquela em que de fato o pai se foi, e a outra em que houve uma transformação.

A *dobradura do samurai* é uma dessas histórias delicadas, que tocam pais e filhos, pois contêm, em sua narrativa refinada, várias camadas de entendimento para todas as idades. Isso permite explorar com os pequenos a temática da morte, tratar das mudanças não como algo que está longe da realidade, mas como acontecimentos que fazem parte da vida.

A morte de um ente querido não se encerra com a sua partida, pois ele pode permanecer na

memória dos que lhe tinham afeto: nas lembranças de seus hábitos, de suas ideias, de seus gostos. Esse Mitio, meio homem, meio pássaro de papel, meio memória, foi apresentado ao Arthur.

De forma atenta, meu filho acompanhou as várias leituras da obra com um silêncio atento e curioso, interrompido apenas com comentários espontâneos sobre as ilustrações de Alex Herrerías: as cores da armadura do samurai, os *origamis* aparecendo no céu da aldeia.

Assim como Mitio se transformou em milhares de *tsurus* pela aldeia japonesa, grous de papel invadiram nossa casa, se espalhando por todos os cômodos, principalmente por aqueles lugares que são importantes a meu filho: ao lado de um retrato de nossa família, de um brinquedo de que gosta muito, de seus livros, até do prato de comida: comer e observar o *tsuru* à sua frente.

A *dobradura do samurai* com certeza é um daqueles livros a que se retorna com frequência. Aqueles livros cuja leitura é uma experiência de vida que preenche o corpo de sensações e serenidade, ao pensar que a morte é a vida em transformação.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado

diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008) seu *best-seller*. Muitas de suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Do mesmo autor e da mesma série

- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *Orie*, de Lúcia Hiratsuka. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- ✦ *Lin e o outro lado do bambuzal*, de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: SM.
- ✦ *Harvey: como me tornei invisível*, de Hervé Bouchard. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *O urso e o gato montês*, de Kazumi Yumoto. São Paulo: Brinque-Book.

